

O GÊNERO CARTA COMO METODOLOGIA ATIVA NO ENSINO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA JOVENS E IDOSAS

THE GENRE LETTER AS AN ACTIVE METHODOLOGY IN HERITAGE EDUCATION TEACHING FOR YOUNG PEOPLE AND ELDERLY PEOPLE

Fabricio Junqueira Rocha^{1,*}/
Aparecida de Fátima Silva Cotrim Pires²

INTRODUÇÃO

O ditado popular “Conhecer para preservar” não se aplica quando o problema é a preservação dos patrimônios, como afirma Scifoni (2019), tal afirmativa tornou-se uma ideia fora de tempo, visto que, para preservar é necessário o desenvolvimento da consciência crítica, e isto só é possível com educação de base e continuada atrelado ao envolvimento do cotidiano e realidade daquele que está aprendendo, para assim sensibilizá-lo e provocar atitudes de ação. Conforme esta mesma autora, as discussões sobre o apagamento e destruição destes bens não se justificam pelo desconhecimento, mas sim pela carência do reconhecimento dos indivíduos como parte integrante do patrimônio.

Posto esta questão, Scifoni (2019, p.27) ainda pondera:

[...] a sociedade está cada vez mais engajada na preservação do patrimônio, significa trabalhar partindo de outros pressupostos de atuação: não mais a educação como redentora da preservação ou como necessária para resolver os problemas do patrimônio, mas a educação como direito social e, ainda, como o direito de promover a apropriação social do patrimônio (idem, ibidem).

RESUMO

Este estudo se propôs em utilizar o gênero textual carta como metodologia para identificar as perspectivas de jovens e idosos em relação à importância da preservação dos patrimônios, bem como promover troca de saberes entre gerações, a fim de romper a barreira etária existente entre os participantes. O trabalho se constrói sob uma análise do funcionamento da carta pessoal. Tem-se como base o estudo de Silva (2002), no qual são postos os aspectos-chaves do gênero textual carta, bem como sua dinâmica de construção, envio e impactos sobre os envolvidos. Conseguiu-se constatar que uma das principais vantagens de utilizar a escrita endereçada foi a possibilidade de romper com a ideia de uma educação dentro dos muros escolares, além disso, outra questão foi que essa atividade possibilitou a comunicação entre pessoas que estavam distantes geograficamente e etariamente, não só isso, mas chegaram juntos a soluções para garantir que o apagamento e destruição dos patrimônios não continuem.

Palavras-chave: Patrimônio. Gerações. Escrita endereçada. Diálogo.

ABSTRACT

This study proposed to use the textual genre letter as a methodology to identify the perspectives of young and old people regarding the importance of preserving heritage, as well as promoting the exchange of knowledge between generations, in order to break the age barrier between the participants. The work is built under an analysis of the functioning of the personal letter. It is based on the study by Silva (2002), in which the key aspects of the textual genre letter are presented, as well as its dynamics of construction, sending and impacts on those involved. It was possible to verify that one of the main advantages of using addressed writing was the possibility of breaking with the idea of education within the school walls, in addition, another issue was that this activity enabled communication between people who were geographically and age distant, not only that, but coming up with solutions together to ensure that the erasure and destruction of heritage does not continue.

Keywords: Patrimony. Generations. Addressed writing. Dialogue.

Submetido em: 08 de jun. 2023

Aceito em: 26 de mar. 2024

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Caetitê, Bahia – Brasil

²Colégio Estadual Getúlio Vargas, Brumado, Bahia – Brasil

*E-mail para correspondência: fabricio201924@Outlook.com

Portanto, educar para o patrimônio exige práticas de educação patrimonial que busquem instigar os educandos a buscarem significados e sentidos nos conceitos envolvidos à temática. É necessário que compreendam que esses bens são importantes para alguém, até para si próprio (Carvalho; Funari, 2007). Posto isso, pode-se afirmar que a educação patrimonial é indispensável nesse processo de preservação dos patrimônios, haja vista que, conforme Funari e Bastos (2008 apud Carvalho; Funari, 2007, p. 138) é “através da educação patrimonial que o cidadão se torna capaz de entender sua importância no processo cultural em que ele faz parte, cria uma transformação positiva entre a relação dele e o patrimônio cultural”.

A educação patrimonial surge em meados da década de trinta, especificamente em 1987, juntamente com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ancorada na ideia de que os museus apresentavam grande potencial educacional – capazes de instigar um olhar mais cuidadoso aos patrimônios brasileiros, destacando a necessidade de criar mecanismos para propiciar uma participação coletiva dos diversos setores sociais (IPHAN, 2014).

É sabido que conhecer sobre patrimônio não implica em sua preservação integral e/ou efetiva. Assim sendo, é indiscutível a necessidade de um trabalho conjunto entre os diversos campos do conhecimento, bem como de todos os setores sociais para garantir um retardo no apagamento desses bens. Portanto, é necessário que haja diálogo entre os sujeitos, de modo a garantir que todas as opiniões, concepções e saberes sejam colocados nas rodas de discussões, onde nenhum saber seja superior ao outro, mas sim, complementares (Freire, 2020), garantindo que todos os atores envolvidos sejam ouvidos.

Pensando nessa inter e multidisciplinaridade que permeia a educação patrimonial, há necessidade do uso de metodologias ativas que trabalham dentro desse campo, metodologias estas que não se adequem apenas a um público específico, mas que seja inclusiva e transversal, ou seja, que façam outros grupos com características distintas atuarem juntos na defesa de um objetivo em comum, neste caso, a preservação dos patrimônios.

As metodologias ativas são meios pelos quais os educandos são instigados a estarem imersos em um processo de ensino-aprendizagem que seja crítico e reflexivo; proporcionam uma visão crítica da realidade, além de propiciar que tenham participação ativa nas decisões importantes no seu cotidiano, principalmente em participação com o coletivo e respeitando a diversidade de ideias e opiniões (Andrade; Vasconcellos; Martins, 2020).

Posto a relevância do estudo dos patrimônios e quais melhores meios para propiciar uma educação patrimonial que seja ativa e inspiradora, este estudo se propôs em utilizar o gênero textual carta como metodologia ativa para identificar as perspectivas de jovens e idosas em relação à importância da preservação do patrimônio ambiental, bem como promover troca de saberes entre diferentes gerações, a fim de romper a barreira etária existente entre estes dois grupos.

A escrita de carta é uma prática comunicativa que se faz como excelente metodologia para a educação patrimonial, visto que esta forma de escrita endereçada possui um “caráter essencialmente dialógico e dialogal, interativo e interlocutivo, instaurado pelas idas e vindas das cartas, mediante a troca de correspondências entre pessoas” (Silva, 2002, p. 16), condizente com as propostas da educação patrimonial, que foca no enriquecimento individual e coletivo, instigando sempre as manifestações culturais, produto da relação entre as pessoas e o meio no qual estão inseridas (IPHAN, 2014).

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo é fruto de um diálogo – através de cartas – entre jovens do Colégio Estadual Getúlio Vargas (CEGV), do município de Brumado/BA, e idosas inscritas na oficina de educação ambiental – vinculada a um projeto de extensão do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, Caetité/BA.

Ressalta-se que os dados coletados para esta produção fazem parte das ações de um projeto maior, advém de um plano de ação elaborado como trabalho de conclusão de um curso de extensão universitária de Formação Docente para a Educação Patrimonial, oferecido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com o Museu do Alto Sertão (MASB).

O plano de ação do projeto consistia trabalhar sobre a preservação dos patrimônios, para isso, foram articuladas tanto momentos teóricos com os participantes (jovens e idosas), como também atividades práticas, que os levassem a colocar em ação o que foi visto ao longo das oficinas. Assim sendo, após aulas teóricas com os dois grupos para apresentação da importância da preservação dos patrimônios, foi solicitado aos estudantes e alunas² que produzissem cartas.

Os primeiros a escreverem as cartas foram os estudantes. A priori, o nome do destinatário era anônimo, os jovens só sabiam que seria uma pessoa da melhor idade que iria receber seu escrito. Portanto, era uma escrita para alguém que nunca tinha visto antes. Após o término da escrita do texto, a professora – da disciplina de história – recolheu todas as cartas e enviou para as alunas do UATI.

O envio das cartas não foi feito via correio, mas sim através da colaboração de uma professora vinculada à UNEB, que residia no município de Brumado/BA. Passados dez dias, as cartas chegaram até as mãos dos monitores da oficina de educação ambiental do UATI, onde os mesmos imediatamente distribuíram as cartas às alunas, claro que de forma aleatória, já que os jovens não destinaram seus escritos a um interlocutor específico.

Ao receberem as cartas, as meninas (forma carinhosa de se comunicar com as idosas do projeto) realizam a leitura coletiva dos textos, e em seguida escreveu outra carta em resposta aos estudantes. Neste caso, as idosas deixaram de ser destinatárias, e passaram a ser o remetente. Com a finalização da escrita, o monitor da oficina recolheu todos os escritos para enviar de volta aos jovens. Com isso, houve o encerramento do primeiro ciclo de troca de cartas proposto no planejamento. Com a finalização deste primeiro ciclo, devido ao término do ano letivo, infelizmente não foi possível realizar outras trocas.

Para realizar essa atividade, houve momentos de orientação para auxiliar os participantes durante a escrita, sobretudo para os estudantes, os quais nunca tinham escrito carta antes. A professora do Colégio Estadual Getúlio Vargas - CEGV, juntamente com os monitores do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI, elaborou alguns roteiros que pudessem guiar no momento de organizar as cartas para envio, principalmente em questões como: onde e como colocar os dados do destinatário e a estrutura básica de uma carta. Já com as idosas não foi necessário tal preparo, visto que já apresentavam experiência com a troca de cartas, portanto, já sabiam como era todo processo.

²Ao decorrer do texto há o uso das palavras estudantes e alunas. A primeira palavra se refere aos estudantes da rede de ensino médio, que neste caso pode ser sinônimo de jovens, enquanto que a última palavra se refere às idosas vinculadas ao programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI). Além disso, no texto também pode vir a palavra meninas, que nesta situação é um sinônimo para as palavras idosas e/ou alunas. Salienta-se isto, pois, pode haver casos onde os termos estudantes e alunos são postos como sinônimos, mas neste estudo, caracterizam grupos distintos. O grupo de idosas foi caracterizado por mulheres com idade maior que 60 anos, enquanto que os estudantes eram jovens com idade acima de 14 anos.

Posto esse percurso metodológico, este trabalho se constrói sob uma análise do funcionamento da carta pessoal. Para isso, tem-se como base o estudo de Silva (2002), no qual são postos os aspectos chaves do gênero textual carta, bem como sua dinâmica de construção, envio e impactos sobre os envolvidos. Além disso, este trabalho é um dos poucos que trazem uma análise da carta como um gênero multidisciplinar, que perpassa o campo da literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de ainda haver uma visão equivocada de uma educação apenas dentro dos muros escolares, a educação patrimonial não se restringe apenas à escolarização, assim como qualquer outra modalidade educacional (Freire, 2009), ao contrário, perpassa sobre as ideias de uma educação permanente, por isso, deve estar inclusa em todas as fases da vida do sujeito, partindo desde a infância até a melhor idade (Cachioni et al., 2015). Não obstante, esta modalidade da educação circunda sobre os diversos espaços, sejam eles formais ou não-formais (Tolentino, 2016). Posto isso é que este estudo traz possibilidades para trabalhar tal temática unindo diferentes grupos geracionais em torno de um interesse comum, de preservação dos patrimônios.

Diante do exposto, o foco central deste trabalho é discutir sobre a importância da preservação dos patrimônios ambientais a partir das concepções de pessoas idosas e jovens; a intenção é ouvir ambas as partes acerca da temática, para assim, chegar-se em possíveis possibilidades de soluções para a problemática posta. Para isso, viu-se a escrita endereçada ou carta como uma excelente metodologia que viabiliza este diálogo entre gerações, visto que as “cartas são inscritas para irem ao encontro de uma resposta” (Silva, 2002, p.68) principalmente considerando que esses dois públicos estavam distantes uns dos outros, os estudantes residiam no município de Brumado/BA e as alunas no município de Caetité/BA.

O primeiro ciclo de troca de carta teve início com os estudantes. Os jovens começaram se apresentando, relatando seu nome e idade, em seguida, foram orientados a fazerem os seguintes questionamentos às idosas: qual importância de preservar os patrimônios ambientais? Quais soluções você sugere para preservar os patrimônios que conhece? Quais patrimônios há na cidade onde reside? Foi partindo destes pontos que os textos ficaram prontos, sendo posteriormente enviados para as alunas, em Caetité/BA.

Mesmo não sendo enviadas via correio, as cartas foram envelopadas seguindo todas as regras do envio, com a descrição dos remetentes e destinatários (ANEXOS - Figura 1). Realizar todas essas etapas foi fundamental, pois gerou nos estudantes uma certa ansiedade para receber as respostas. Segundo Silva (2002), esta ansiedade é comum na troca de cartas pessoais, onde o remetente sempre espera uma resposta do seu interlocutor.

Com o recebimento das cartas pelos monitores do UATI, foi o momento de iniciar a dinâmica com as meninas. O primeiro passo foi anunciar no grupo do WhatsApp que havia chegado um pacote em nome de todas as alunas da oficina de educação ambiental do programa; por intermédio disso, conseguiu-se deixar as idosas ansiosas e curiosas para saber do que se tratava. Posteriormente, no momento da oficina os monitores apresentaram o envelope maior onde estavam todas as cartas e questionaram as alunas sobre o que tinha dentro do pacote. Todas não faziam ideia do que seria, até porque, como relatado pela maioria, fazia tempos que não recebiam uma carta. Em seguida, abriu-se o envelope e as alunas foram pegando as cartas aleatoriamente, sem olhar o nome dos estudantes. Ao ver os escritos todas

ficaram emocionadas alegando que ficaram surpresas com o recebimento de cartas, principalmente por terem sido escritas por jovens.

Paralelamente, as idosas abriram as cartas e fizeram uma leitura silenciosa para saber do que se tratava, ao fim, todas perceberam que o texto falava do tema da aula daquele dia, ou seja, sobre a importância da preservação dos patrimônios. Em seguida, foi feita uma leitura coletiva das cartas (ANEXOS - Figura 2); foram discutidos alguns pontos principais postos pelos estudantes.

A partir da discussão coletiva as alunas conseguiram expressar suas concepções acerca dos pontos abordados pelos jovens. Para retribuir, as meninas tiveram que escrever uma carta em resposta aos estudantes. Neste texto elas teriam que responder aos questionamentos postos. Após o término da escrita, as idosas devolveram as cartas aos monitores da oficina para que pudessem enviar para os jovens do CEGV (ANEXOS - Figura 1b).

Inicialmente as alunas eram apenas os destinatários desconhecidos, sem nome e endereço fixo, após receber as cartas dos jovens, as idosas se transformaram no remetente, já que teriam que responder às cartas recebidas. Do mesmo modo, os jovens que antes eram remetentes, se transformaram em destinatários. Conforme salienta Silva (2002), essa troca de função no gênero carta é comum, graças a isso que é possível haver o diálogo e a sociabilidade entre as pessoas envolvidas.

Seguindo sob a perspectiva das funções do remetente e destinatário, a autora ainda salienta que o remetente é aquele “(..) participante engajado no papel de produzir o texto, em cuja elaboração cabe a este tomar as decisões, e, portanto, controlar a alocação”. (idem, 2002, p.94). Já em relação ao papel do destinatário, diz que “ao destinatário, pela prática da leitura, cabe (ou não) completar o circuito comunicativo, projetado pela situação da comunicativa” (idem, ibidem). Neste trabalho, ambas as funções foram aceitas positivamente pelos participantes, havendo também a inversão das funções comum nessa rede comunicativa – “eu” e “tu” – a fim de instaurar uma sintonia da parte da remetente para com o seu destinatário.

Depois de alguns dias, os jovens receberam as cartas, com isso, assim como as idosas, realizaram uma leitura coletiva desses textos, identificando os pontos abordados pelas alunas, julgando se estavam condizentes ou não com os pontos questionados pelos mesmos na primeira carta (ANEXOS - Figura 3). Feitas essas ações, houve o fechamento do primeiro ciclo de cartas entre os jovens e idosas. Devido ao encerramento do ano letivo não foi possível realizar outro ciclo de troca. Mas, apesar disso, afirma-se que esses momentos foram de extrema importância, afinal, propiciou um diálogo entre gerações acerca da importância da preservação dos patrimônios.

Dentre os pontos apresentados nas cartas produzidas pelos estudantes, estavam questões sobre os patrimônios históricos e culturais comuns do município de Brumado/BA, como o São João, o forró e as festas de carnaval (Grifo 1), também apareceram questões voltadas aos patrimônios naturais, como a poluição das águas e florestas. Enquanto isso, em suas cartas, as idosas citaram pontos voltados ao patrimônio natural, como os rios da região, os parques de árvores e praças com herborização (Grifo 2); também citaram casarões e museus. É importante destacar que a dinâmica foi fundamental para levar os jovens e as idosas a perceberem que os patrimônios são importantes para alguém (Carvalho; Funari, 2007), para assim se reconhecerem como patrimônios – suas histórias de vida, suas vivências e memórias.

Grifo 1

Caetité, 26 de outubro de 2022

(...)

O carnaval e o São João são patrimônios histórico, cultural e ambiental, porém não era assunto muito divulgado, porque as pessoas tinham mais consciência de não degradar.

(...)

(Grifo da carta da aluna Ana em resposta a estudante Cleane Vitória)

Grifo 2

04/11/2022

(...) na minha infância o meio ambiente era mais limpo puro por não ter tanto progresso, com a chegada do progresso veio as empresas e destruição das matas, tudo em nome da evolução dos tempos, com isso sair da roça para a cidade para trabalhar (...)

(...)

(Grifo da carta da aluna Carol em resposta ao estudante Ernest)

Além desse diálogo entre gerações, essa dinâmica foi interessante, pois, estimulou os jovens em querer aprender escrever cartas e valorizar essa prática, visto que todos alegaram nunca ter mandado cartas a ninguém antes. Já em relação às idosas, a carta não era novidade, mas foi importante pois resgatou as memórias dos tempos passados, já que muitas afirmaram ter escrito cartas em sua juventude (Grifo 3).

Grifo 3

Caetité, 25 out 2022

(...)

Esse meio de comunicação através de cartas há muito tempo foi esquecido, mas em minha adolescência troquei muitas cartas com meus parentes de que residem em Portugal. Em minha família somente eu sou brasileira, meus irmãos são portugueses também. Sucedeu que por conta de recessão da 2ª Guerra Mundial, meu pai veio para o Brasil tentar uma vida melhor e depois de passados 5 anos mandou buscar minha mãe e meus irmãos para morar em São Paulo.

(...)

As cartas eram trocadas com os parentes de Portugal (tias, avós) mas demoravam muito de chegar e de recebermos as respostas. Anos mais tarde com o telefone, elas foram deixadas de lado também. Enviávamos somente cartões de boas festas.

(...)

(Grifo da carta da aluna Joana em resposta ao estudante Carlos)

Na contemporaneidade, com o advento dos diversos meios de comunicação fruto do grande avanço tecnológico, torna-se imprescindível nos voltarmos para a prática da escrita manual de cartas, até porque, essa prática não foi extinta, mas modificou-se com o passar do tempo; esse gênero comunicativo se ambientou conforme o contexto sócio-histórico e cultural. Mas, não se pode negar que nem todos têm acesso aos meios tecnológicos de comunicação, por isso, a carta na

forma tradicional ainda precisa ser valorizada para que essas pessoas se comuniquem umas com as outras a distância (Silva, 2002).

Conforme a autora, a estrutura de uma carta contém alguns elementos básicos, sendo eles: a abertura do evento; corpo do texto e encerramento do evento (idem). Mesmo não tendo feito cartas antes, os estudantes escreveram os textos contendo seus elementos principais, assim como as idosas, que também escreveram as cartas com todos seus elementos principais. A abertura do evento seria aquele momento onde o escritor demonstra suas saudações e solicitações iniciais; já o corpo do texto seria o momento de interação, onde são postos os principais pontos do assunto principal da carta; por fim, o encerramento, que nada mais é do que a conclusão das ideias anteriores, a despedida e assinatura do escrevente (Grifo 4).

Grifo 4

Caetité, 30 de outubro de 2022	Prezada aluna Maiane	P1
Tudo bem com você. Estou bem graças a Deus.		
Aminha infância foi tranquila e eu também fui tranquila. A juventude normal daquele tempo. Depois do primário, cursei o ginásio, depois o magistério. Fui professora primária por muitos anos. Fiz uma faculdade de curta duração. Não sei se é do seu conhecimento, foi uma criação ilustre educador, Anísio Teixeira – Escola Polivalente (...) (...)		P2
Que Deus lhe ilumine em seus estudos, com muito sucesso, saúde, paz, alegria, amor, fé...	São os votos de, Mara	P3
	(Carta da aluna Mara em resposta a estudante Isabela)	

O exemplo acima é de uma carta escrita por uma das alunas em resposta a um jovem, nela consegue-se ver perfeitamente as três partes principais de uma carta. Na primeira parte (P1), representa a abertura do evento, enquanto que em P2 tem-se o corpo de interação, e por último, a terceira parte (P3), que define a finalização do evento. Com isso, vale salientar que esta carta é apenas um dos diversos modos de escrever, uma vez que devemos considerar que cada escrevente coloca sua personalidade ao escrever (Silva, 2002).

Ainda sobre o gênero carta, Silva (2002, p. 14) afirma que

(...) a materialidade linguística do texto não deixa de ser apenas uma ponta de um iceberg, pois, atrás dela e nela, há uma história de outros tantos textos, de outros tantos eventos comunicativos, de saberes construídos sociocognitivamente, de práticas comunicativas que engendram o processo da produção, distribuição e recepção do texto.

Portanto, é inegável que a carta pessoal abrange um número muito maior de pessoas do que apenas o remetente e o destinatário, para além disso, envolve pessoas que entram nesse processo já na fabricação do papel até responsáveis pelo empacotamento e entrega (Silva, 2002). No projeto que gerou dados para este trabalho, a carta também passou pela professora do colégio, pelos monitores e coordenadoras do UATI, pelos envolvidos diretamente no curso de educação patrimonial, as famílias dos jovens e também das alunas, além da professora vinculada à UNEB, seu esposo e um feirante residente em Brumado/BA, mas que trabalhava na feira livre de Caetité/BA, o qual também ajudou na translocação das cartas.

A escrita de cartas, após uma aula teórica, foi fundamental para que os estudantes e as idosas pudessem fixar os conteúdos que a professora e monitores almejavam que aprendessem. Todos os participantes conseguiram assimilar os principais pontos da problemática posta- preservação dos patrimônios – e argumentar em cima do que foi posto pelo remetente, principalmente acerca das problemáticas ambientais, considerado um dos motivos de destruição dos patrimônios. Para Silva (2002, p. 15-16), isso se dá, pois, a carta possui um “caráter essencialmente dialógico e dialogal, interativo e interlocutor, instaurado pelas idas e vindas (...)” (idem, *ibidem*).

Junto ao diálogo característico da escrita endereçada, este projeto contribuiu para que houvesse um redirecionamento da visão dos jovens em relação às pessoas de maior idade. Este trabalho se configura como um dos inúmeros meios de quebrar com a infantilização da pessoa idosa, ou seja, levar os jovens a verem as idosas como pessoas ativas e capazes de realizar atividades comuns do dia a dia, e não como incapazes e/ou improdutivas, como são vistas costumeiramente (Dourado, 2020; Schuch; Víctora; Siqueira, 2021).

As cartas, assim como os demais gêneros textuais, proporcionam a criação de espaços de interação, noutros termos, são indispensáveis para a sociabilidade das pessoas, pois há uma troca de saberes e práticas, há o compartilhamento de ideias e pensamentos, e o melhor de todas as vantagens é que tudo ocorre à distância, sem necessariamente haver o contato físico (Silva, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante análise da eficácia das cartas para trabalhar a preservação dos patrimônios, ficou comprovado que essa prática comunicativa é uma excelente metodologia para trabalhar tal temática, assim como qualquer outro tema. Conseguiu-se constatar que uma das principais vantagens de utilizar a escrita endereçada foi justamente na possibilidade de romper com a ideia de uma educação dentro dos muros escolares, além disso, outra questão foi que essa atividade possibilitou a comunicação entre pessoas que estavam distantes geograficamente e etariamente, não só isso, mas chegarem juntos a soluções para garantir que o apagamento e destruição dos patrimônios não continuem.

Trabalhos como este são de suma importância, pois no Brasil, ainda é escasso os estudos que explorem a tipologia textual carta para além dos campos da literatura e português. No que diz respeito a este estudo, encontrou-se apenas um trabalho, o de Silva (2002), que atendessem integralmente as ideias aqui postas. Portanto, este estudo se faz como de extrema importância na divulgação de novas práticas de ensino, sejam elas incluídas no ensino formal ou não-formal.

Além da troca de cartas, ao fim da aplicação do plano de ação, teve-se a produção de um documentário, o qual foi intitulado como: Sim, eu sou patrimônio! Este material extra se faz como excelente meio pedagógico a ser utilizado

na prática cotidiana do ensino sobre os patrimônios, independente do espaço e público-alvo. É um material dinâmico, que pode ser utilizado tanto para estudante da educação básica e superior, como em formação continuada para profissionais de educação, além de servir como material complementar para formação permanente em outros espaços não-formais, como no UATI, associações de bairro, dentre outros.

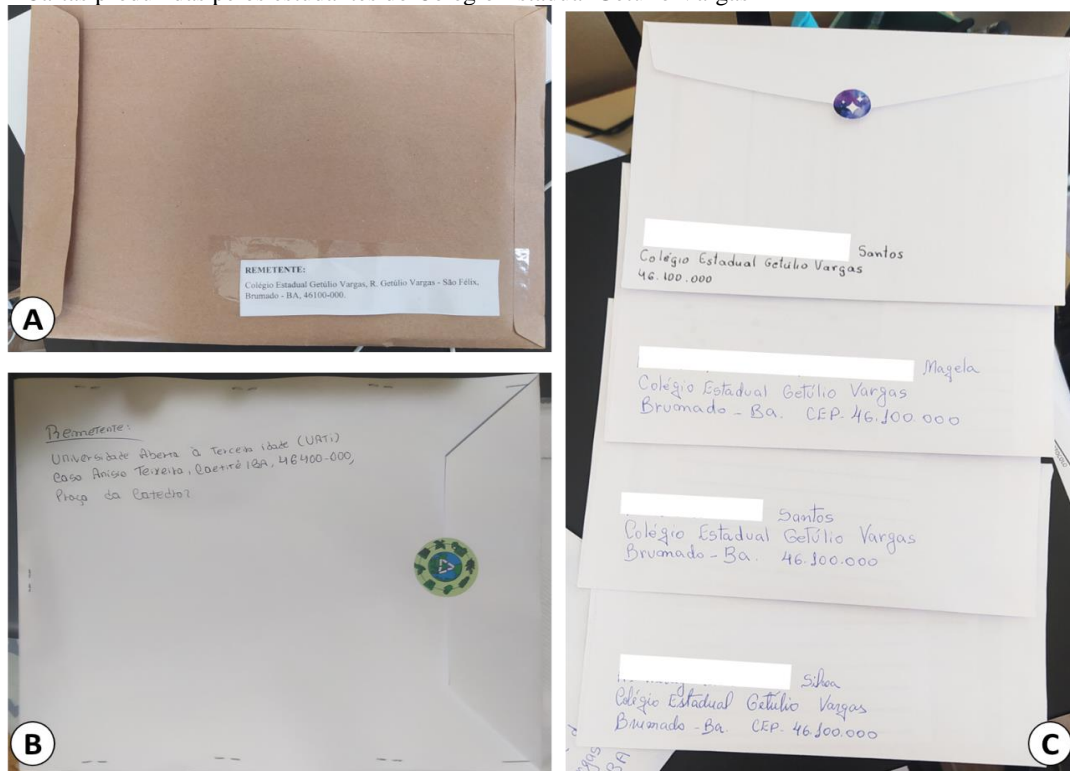
Referências

- ANDRADE, Monica Cristina da Silva; VASCONCELLOS, Roberta Flávia Ribeiro Rolando; MARTINS, Herbert Gomes. **Guia de metodologias ativas para professores de ensino de ciências na educação básica**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2020. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/599500>> Acesso em: 6 jun. 2023.
- BASTOS, Rossano Lopes; FUNARI, Pedro. “Public Archaeology and Management of the Brazilian Archaeological-Cultural Heritage”. **Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, 2008.
- CACHIONI, Meire et al. Metodologias e Estratégias Pedagógicas utilizadas por Educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 81-103, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623645741>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rnkWvrrHNGM5j6sMc3sHLZm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- CARVALHO, Aline Vieira de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. “Arqueologia e patrimônio no século XXI”: as perspectivas abertas pela arqueologia pública. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 3, p. 133–140, 2007. DOI: 10.20396/eha.3.2007.3667. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3667>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- DOURADO, Simone Pereira da Costa. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, p.153-162, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp153-162>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/169970/162659>. Acesso em: 19 jul. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Histórico, conceitos e processos. Brasília, DF, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.
- SCHUCH, Patrice; VÍCTORA, Ceres Gomes; SIQUEIRA, Monalisa Dias de. Cuidado e controle na gestão da velhice em tempos de Covid-19. In: MATTA, Gustavo Corrêa et al. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. 2021. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, Observatório Covid 19, 2021, p. 149-157. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/r3hc2>. Acesso em: 19 jul. 2022.
- SCIFONI, Simone. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. **Revista Cpc**, [S.L.], v. 14, n. 27, p. 14-31, 30 ago. 2019. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27espp14-31>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/157388>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. 2002. 209 p. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- TOLENTINO, Átila Bezerra. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, Átila Bezerra. BRAGA, Emanuel Oliveira. **Educação Patrimonial: políticas, relações de poder e ações**

afirmativas. João Pessoa: IPHAN-PB, 2016. p. 38-47. Disponível em:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_educacao_patrimonial_05.pdf. Acesso em: 06 fev. 2023

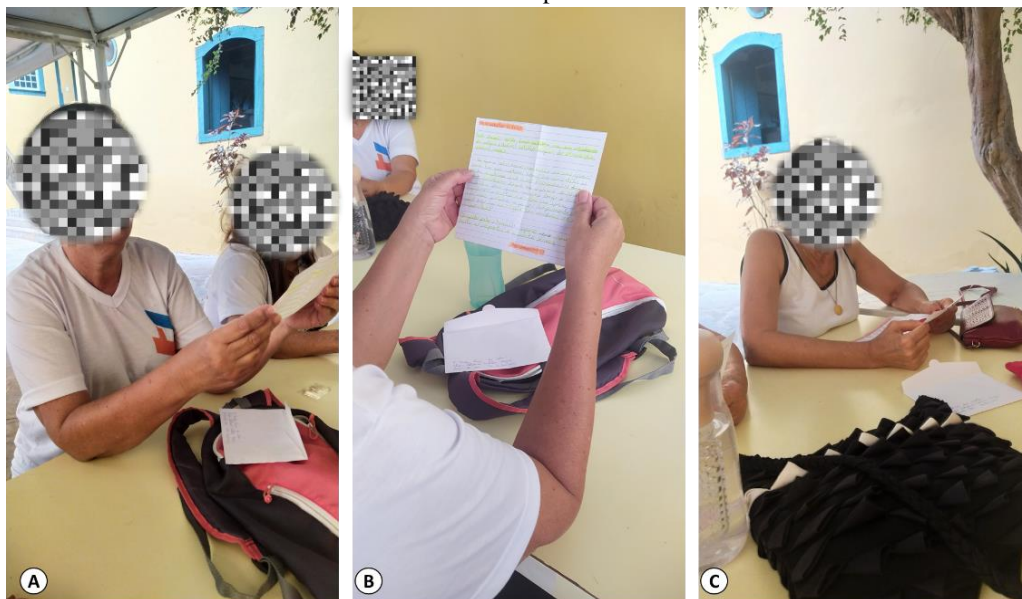
ANEXOS – Registros fotográficos (devem ser colocados no texto após a primeira citação das mesmas)

Figura 1 – Cartas produzidas pelos estudantes do Colégio Estadual Getúlio Vargas



Envelope maior com todas as cartas escritas pelos jovens. B – Envelope maior com todas as cartas escritas pelas idosas. C – Cartas individuais feitas pelos jovens às idosas. Fonte: Autores (2022)

Figura 2 – Momento de leitura coletiva das cartas realizada pelas idosas



A, B e C - Momento de leitura coletiva pelas idosas do UATI. Fonte: Autores (2022)

Figura 3 - Momento após leitura coletiva das cartas realizada pelos jovens



Fonte: Autores (2022)